

EM BUSCA DA INOVAÇÃO E DA AUTENTICIDADE

KUKAS EXPÕE JÓIAS E OBJECTOS NA GULBENKIAN

«As jóias têm a ver com o momento actual: constituem um modo de estar no mundo. As pessoas mais jovens são mais simples, tendem a ser autênticas, mais directas, e as minhas jóias estão de acordo com elas e com a sua autenticidade.»

Estas palavras pertencem a Kukas (Maria da Conceição Moura Borges) que a partir de hoje, às 18 e 30, expõe «Jóias e Objectos», na Fundação Gulbenkian. Ela não é apenas uma artista que trabalha metais e pedras preciosas mas alguém que vive intensamente as possibilidades dos materiais e a sua expressão, buscando-lhes «um estatuto» que as situe no domínio da arte pura. Por isso, a propósito de jóias, Kukas fala de música que pode ser de Hindemith, da pintura de Miró, da escultura de Henry Moore:

— Acho que há nelas uma conotação global com tudo o que nos rodeia. Uma das minhas fontes de inspiração na criação de jóias é precisamente a pintura. Há às vezes elementos nos quadros que me sugerem formas.

As suas jóias foram pela primeira vez um «acontecimento», há cerca de 20 anos, quando expôs na Galeria «Diário de Notícias». Desde então, percorreu um longo caminho de inovações e atitudes perante a criação. Kukas acha que numa primeira fase se deixou inspirar pelo contacto com os materiais, interessando-se sobretudo pela expe-

riência que eles significavam. Hoje, está mais interessada na forma e na depuração da jóia de modo a que ela seja autónoma. Explica:

— Autónoma no sentido de se bastar a si própria e de ser uma forma que se impõe por si mesma e não pelo material utilizado.

Afirma-se normalmente que as jóias de Kukas são «diferentes». Mais do que isso, manja com sensibilidade um estilo encontrado. Cada uma das suas jóias é uma viagem livre da imaginação, a abertura de um pequeno espaço de plena criatividade, o achado frontal e um novo fulgor. Das pedras, fala com um entusiasmo e amor que desliza quase com volúpia sobre as suas palavras:

— Tenho um grande fascínio pelas pedras. Sobretudo, pelas que não são preciosas. Gosto das turmalinas e, principalmente, das pedras de lua que são como gotas de orvalho cristalizado.

Reacção contra o convencionalismo

Kukas começou a fazer as suas jóias no princípio dos

anos 60. Acabara um curso de decoração, em Paris, e trabalhara nessa actividade sem que lhe interessasse muito:

— É um trabalho muito dependente das outras pessoas e eu não me sentia motivado para ele. Nas jóias, encontrei uma relação muito pessoal e directa com o que faço.

Dedicou-se também passagieramente à cerâmica que lhe deu as primeiras alegrias nos caminhos da criação. Hoje, barro e prata aparecem misturados em trabalhos recentes. Nesse tempo, diziam-lhe que a sua cerâmica era «diferente». Como seriam as suas jóias e como é tudo que sai das suas mãos.

Por volta de 1963, dirigiu-se ao director da Galeria «Diário de Notícias» que era então Faria de Carvalho. Um pouco insegura («titubeante», diz Kukas), mostrou-lhe as jóias.

— O Faria de Carvalho contribuiu muito para que se realizasse essa exposição. Tinha sempre uma data aberta para novos artistas, interessava-se por eles. Não levava qualquer empenho. Ele gostou e disse-me: «Faça mais!»

Essa primeira exposição foi um êxito. As encomendas começaram imediatamente. Regra geral, as pessoas pediam-lhe então que modificasse jóias que já não usavam ou um brinco de que haviam perdido o par:

— Tenho o gosto de «resuscitar» coisas, de fazê-las tornar a viver, de regresso ao quotidiano. Mas algumas peças não modifiquei porque eram pequenas obras de arte que deviam permanecer assim.

As jóias representam para Kukas a forma plástica que mais lhe agradou e afirmou-se nesse campo em reacção às jóias muito convencionais ou de patentes novo-riquismo:

— Isso chocava-me e tive vontade de fazer outra coisa que não fosse aquela forma de ostentação e de mau gosto.

Nem sempre a sobriedade

dominou a sua criação. Hoje em dia, porém, há nela uma grande tendência para a monocromia e para a linearidade.

Importância da criatividade

— Normalmente, a nossa ourivesaria é muito bem executada mas de uma grande falta de criatividade — diz Kukas.

Ela foi a primeira artista a lançar-se na inovação. Actualmente, outros seguem-lhe as pisadas e as escolas de Artes Decorativas estão cada vez mais a interessar-se por esse renovo das formas. Criou mais de mil jóias até hoje. Todas dentro do seu estilo peculiar:

— Algumas pessoas faziam jóias modernas, iludindo a ausência de forma e carregando-a de pedras de cores diferentes. Mas, para mim, a jóia tem uma função didáctica. É uma coisa que as pessoas mostram, que «mobila» o quotidiano, que circula e que constitui uma certa educação do gosto.

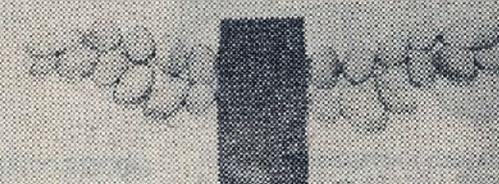
Kukas acha fascinantes as jóias de Salvador Dali e refere-se com admiração às que foram concebidas por Bracque e pelos dois escultores italianos Pomodoro. No seu caso, nunca tem um plano premeditado para as jóias que faz — a não ser quando se trata de encomenda que a condicionam ou quando a disponibilidade de material é escassa. A forma vai surgindo a partir das sugestões de formas que descobre na natureza ou nas suas experiências estéticas.

Com várias mostras em Portugal e no estrangeiro (esteve na Bienal de São Paulo de 1977), há dez anos, todavia, que não realizava uma exposição individual. Não se trata de uma retrospectiva, diz. «Jóias e Objectos» é uma reunião de mais de cem peças, na maioria recentes. Ouro e prata, os materiais tradicionais lá estão. Mas muitas vezes misturados com madra, conchas, cristais de rocha, etc. Num mundo imaginativo dos seus anéis, colares, pulseiras, brincos, pendurezas, peças decorativas para casa, jarras, caixas para cigarros e espelhos.

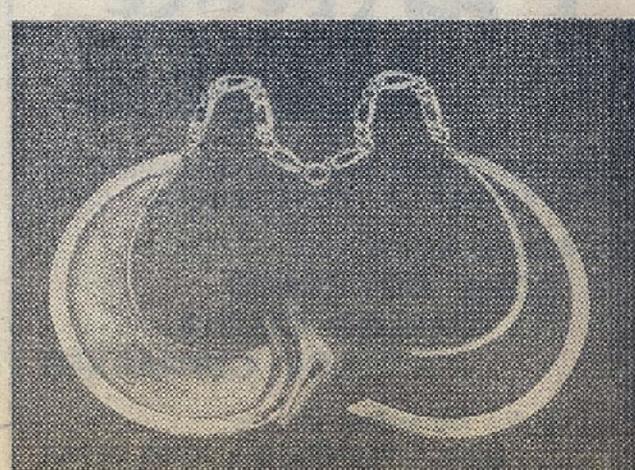
O catálogo insere um poema de Salette Tavares e um texto de António Alcada Baptista.



Afinete de pérolas japonesas e corte de concha de prata



Colar de pedras de lua e ágata



Colar de prata, madreperla e dente de tubarão

QUADRADINHOS

AO SÁBADO N' «A CAPITAL»
SUPLEMENTO PARA JOVENS